

As representações de tecnologias nos rótulos litográficos de Cachaça do Paraná.

Autor: Alan Ricardo Witikoski.

Resumo

Este artigo apresenta de modo pontual considerações sobre as representações de tecnologias nos rótulos litográficos de Cachaça paranaenses em meados do século XX. Os exemplos analisados fazem parte de coleções públicas (Casa da Memória, Fundação Cultural de Curitiba – FCC) e outras coleções particulares. Parte-se de uma reflexão de como o conceito de “Cachaça” é simbolicamente construído por meio da materialidade dos rótulos. A multiplicidade de temas e representações associadas a imagem da Cachaça transparece as tensões e negociações dos processos de interpretação, entendimento e aceitação de como um conceito, agregado e materializado em um produto, pode tornar-se reconhecido e aceito pelos sujeitos aos quais está associado. Somam-se, fatores regionais característicos, normalmente desconsiderados nas narrativas históricas sobre o design gráfico brasileiro. Optou-se em explorar as representações de tecnologias associadas aos conceitos de Cachaça, utilizando-se como ferramenta de análise a Semiótica peirceana. Buscaram-se concepções de tecnologia representadas no cotidiano e imaginadas em um discurso de acesso comum àqueles sujeitos, os quais apresentam indícios expressos visualmente nos rótulos.

Palavra-chave: Tecnologia; Rótulos; Cachaça.

Abstract

This paper presents consideration of the representations of technology on the “Cachaça” lithographic labels of Paraná in the mid-twentieth century. The labels analyzed are part of public collections (Cultural Foundation of Curitiba – FCC) and other private collections. The initial point for consideration is the concept of “Cachaça” is symbolically constructed through the materiality of the labels. The multiplicity of themes and image representations associated with “Cachaça” transpires tensions and negotiations processes of interpretation, understanding and acceptance of how a concept, and aggregated materialized in a product can become recognized and accepted by the subjects to which it is associated. In the paper was chosen to explore the representations of technologies associated with the concepts of “Cachaça”, and used as analytical tool based on a method Peirce's Semiotic. To develop the paper were searched conceptions of technology represented in routine and imagined in a speech common e expressed visually on labels.

keywords: Technology; Label; Cachaça.

¹ *Designer. Mestre em Tecnologia e Doutorando em Tecnologia. PPGTE/DADIN/UTFPR
email: awitikoski@utfpr.edu.br*

1. Introdução

Este artigo faz parte de um estudo em andamento sobre os rótulos de Cachaça litográficos do Paraná. A ênfase do estudo será nas representações de tecnologias presentes nos rótulos paranaenses de meados do século XX. Para tal, inicia-se com um direcionamento sobre os conceitos de cultura, sociedade e tecnologia, alicerçando as bases teóricas para a análise dos rótulos.

Para as análises, foi aplicado um método semiótico com base nos estudos de Charles Sanders PEIRCE (1995), além de referências dos estudos de Martine JOLY (2005) e Lucia SANTAELLA (1998; 2005).

Os principais autores utilizados para refletir sobre as questões são: Maria Elisa CEVASCO (2001); Stuart HALL (2003; 2006); Jesús MARTÍN-BARBERO (2001); Raymond WILLIAMS (2008; 2011); e para pensar os conceitos de tecnologia foram estudados os textos de: Andrew FEENBERG (1995; 2002); Álvaro Viera PINTO (2005); Herbet MARCUSE (1982).

2. Motivações e abordagem teórica

WILLIAMS (2011) comenta que ao analisar um determinado objeto; dentro de certa perspectiva o pesquisador assume um posicionamento, uma articulação teórica, um recorte, uma interpretação e uma construção textual. Tal perspectiva designada, mesmo que inconscientemente, marca uma posição de sujeito. Os termos que são interpretados-produzidos implicam uma definição pessoal de mundo, configurando um registro da formação do significado. Explicitar significados é explicitar em que lado dos conflitos a história será contada.

BARBERO (2001) complementa que a definição do objeto de estudo e sua construção está ligada subjetivamente a motivações e inquietações pessoais, eventualmente vinculadas à posição de sujeito da qual o pesquisador tem sua “experiência” constituída. Portanto, toda pesquisa, por mais “técnica” que possa ser produzida ou justificada, sempre é conduzida por um sujeito dentro de sua perspectiva e convicções.

A escolha dos rótulos de Cachaça é entendida como significativa por algumas razões, tanto subjetivas como objetivas, mas talvez a fundamental seja pelo fato de possuir elementos que carregam consigo uma vasta história dos trabalhadores/artistas gráficos, de visualidades, de mudanças e cristalizações culturais. Rótulos de cachaça trazem vestígios de contrastes e

contradições ligados às ideias de algo tradicional e moderno; vulgar e nobre; celebrado e esquecido; alegre e triste; legal e ilegal, relembram práticas medicinais; revelam consumidores entre reis e indigentes; ricos e pobres; etc. Estas são algumas das riquezas e complexidades constituídas nos rótulos que não serão abordadas neste artigo diretamente, mas que marcam a produção e consumo da Cachaça, presentes na visualidade gráfica dos rótulos, cujos temas deixam entrever as tensões vividas, no cotidiano de sujeitos inseridos dentro de seus contextos históricos, econômicos e culturais.

Parte-se de uma reflexão de como o conceito de “Cachaça” é simbolicamente construído por meio da materialidade dos rótulos, considerando o contexto histórico, social, cultural e econômico.

A escolha das representações de tecnologias colabora ao mostrar que a tecnologia, diferentemente do que alertam alguns conceitos, não está apenas em “novos” produtos, mas encontra-se intrinsecamente ligada ao cotidiano e, conseqüentemente, à sociedade. Portanto, olhar para determinada sociedade é olhar para sua tecnologia, e mais, é observar como os artefatos são construídos refletindo e refratando, como a tecnologia é recebida, interpretada, assimilada e representada em práticas sociais cotidianas, ainda que às vezes seja “naturalizada”.

3. Alinhamento teórico

A cultura é relacionada a um processo de produção e reprodução de significados, descrito por WILLIAMS (2011), como não somente de conteúdo linguístico, mas também histórico. Assim a fixação de um sentido é resultado de disputas, constituídas por meio de práticas específicas. A cultura deve ser pensada como algo coletivo, sem distinções, como um modo de vida. Constitui-se como um espaço relevante de lutas, portanto, como aponta BARBERO (2001), é necessário criar “deslocamentos” nas fronteiras de contato que constroem uma materialidade capaz de considerar, localizar e analisar as dinâmicas de negociações, com seus mecanismos de formação, articulação, circulação e apropriação.

Com intenção semelhante, HALL (2003) estabelece que a articulação da cultura permite que um variado sistema de significados se estabeleça e forneça o acesso a interpretações capazes de reconhecer uma prática social e classificá-la dentro de uma sistema. Assim, toda ação social é “cultural” e está impregnada de uma prática social que expressa ou comunica um significado a determinado(s) sujeito(s) localizado(s) em certo contexto histórico e geográfico. Para

WILLIAMS (2011) toda “prática social” carrega consigo um significado, independente de se dominar ou não, ter acesso ou não.

A dominação essencial de uma determinada classe na sociedade, no entendimento de WILLIAMS (2011), mantém-se não somente, através do poder, e não apenas na propriedade. Ela se mantém também, inevitavelmente pela cultura do vivido: aquela saturação do hábito, da experiência, dos modos de ver, sendo continuamente renovada em todas as etapas da vida, sofre pressões com significados definidos, de tal forma que aquilo que os sujeitos pensam e sentem é, em larga medida, uma reprodução de uma ordem social profundamente enraizada.

FEENBERG (1995) aponta a existência de uma “política” nos artefatos, argumentando que as escolhas tecnológicas para o desenvolvimento de novos artefatos contam com justificativas técnicas, mascarando uma decisão política. Tais decisões comumente são aceitas e naturalizadas em um sistema.

Tanto na reflexão de WILLIAMS (2011), como na de BARBERO (2001), a “prática cultural” não procede somente de uma ordem diversamente constituída, é elemento de sua constituição. Dentro desta proposta, a sociedade é constituída e constituinte da cultura, portanto o conceito de interpretação não pode ser passivo, mas ativo e criativo.

No entendimento de CEVASCO (2003), o Materialismo cultural, proposto por Williams não é uma crítica e/ou “correção” ao marxismo, mas uma resposta a desdobramentos reais das relações sociais que alteram a consciência prática em que está assentada a teoria. Seu objetivo é definir a unidade qualitativa do processo sócio histórico contemporâneo e especificar como o político e o econômico podem e devem ser vistos nesse processo.

Nenhum modo de produção, e, portanto, nenhuma ordem ou sociedade dominante, na realidade é capaz e abarcar toda a abrangência da prática social humana (WILLIAMS, 2011). Este modo de produção pode ser compreendido como uma interpretação de cultura, e alinha-se com BARBERO (2001; p.14), ao indicar que “a cultura escapa a toda compartimentalização”.

HALL (2003) indica que o reconhecer por meio de um deslocamento para a centralidade da cultura na formalização de conflitos de significados e valores, as contradições entre o vivido e o articulado, o almejado e o impossibilitado, pode-se encontrar espaços não só de contestação, mas de rearticulações. Neste aspecto convém frisar que nem sempre apenas dar visibilidade é

suficiente para transformar o espaço cultural de contestação e rearticulação, pois em alguns momentos este “espaço” é assimilado e apropriado com outros fins que não os relacionados a sua origem.

O materialismo cultural não considera os produtos da cultura “objetos” e sim práticas sociais: o objetivo da análise materialista é desvendar as condições dessa prática e não meramente elucidar os componentes de uma obra (CEVASCO, 2003). A interpretação é sempre ativa, e está sujeita a convenções e formas de organização social (classificações) e de relações, logo não se deve isolar o objeto. Em um sentido próximo, porém observando os processos de mediação BARBERO (2001) afirma que o objeto não deve ser visto isoladamente, mas, mediado e imerso dentro de um contexto situado historicamente construído.

4. Objeto de estudo.

A Cachaça tem uma longa presença da História do Brasil, e tem sido “reconhecida” e/ou projetada como uma “identidade” brasileira, sendo reconhecimento variado de acordo com os acontecimentos históricos e as diversidades regionais e as diferenças culturais.

A Litografia, já no século XIX, revolucionou a produção gráfica, ao permitir que grandes formatos fossem impressos por um custo relativamente baixo, além de possibilitar o recurso técnico de interação entre imagem e texto. O recorte temporal proposto neste estudo (décadas de 1940 a 1960), é um momento em que a litografia comercial do Paraná, está sendo substituída aos poucos, principalmente com a chegada e o barateamento de processos considerados de qualidade superior (*Offset*).

Apesar da longa tradição do Paraná de uma produção litográfica de qualidade internacional, especialmente no final do século XIX e início do século XX, estar sendo deixada de lado pela presença do *Offset*, muitos artistas/*designers* mantiveram o uso dessa técnica, explorando seus recursos e reinventando sua linguagem em peças baratas e populares como os rótulos de cachaça.

De acordo com entrevistas (GEMAEL, 1975), a Litografia paranaense foi agonizando, pois seus últimos litógrafos aposentados não foram substituídos por novos trabalhadores, que optavam por um treinamento em *Offset*, uma técnica “moderna”.

Outro ponto importante a ser destacado é que, mesmo com uma grande produção de rótulos de cachaça, o estado do Paraná não tinha uma forte “tradição” e um reconhecimento nacional na produção de Cachaça, sendo que o único local que possui representatividade é a região litorânea, principalmente a cidade de Morretes.

Os rótulos paranaenses deste período, meados do século XX não eram feitos por *designers*, nem artistas famosos. O sistema de produção (reprodução) técnico era deficitário, os clientes buscavam um produto a baixo custo, o suporte de impressão (papel) não possuía grande resistência, nem qualidade. Porém, é possível reconhecer que a produção de rótulos, incluindo, do de Cachaça, alcançava uma parcela significativa do Estado do Paraná, sendo inclusive contratadas por outras regiões do país, como o Sudeste, Norte e Nordeste (GEMAEL, 1975).

5. Proposta de abordagem.

A abordagem de análise parte da semiótica peirceana, com contribuições de SANTAELLA (1998; 2005) e JOLY (2005) sendo uma ferramenta/estratégia que ajuda a detectar e apresentar as diferentes interpretações de tecnologia na visualidade dos rótulos.

A opção pela semiótica para análise é observada tanto por WILLIAMS (2011), BARBERO (2001) e HALL (2005) como possibilidade de construir um olhar próximo do movimento das mensagens, do modo como são produzidas, propagadas e estão/foram/poderão serem interpretadas.

Assume-se o caráter polissêmico e transacional do signo, embora JOLY (2005) reconheça na imagem uma predominância do estado de ícone. Entretanto, a autora observa que a “representação visual” atribuída na imagem é heterogênea, reunindo diferentes categorias de signos: a “imagem” no sentido teórico do termo (icônicos, analógicos); signos plásticos (cores, formas, composição, textura) e os signos linguísticos (linguagem verbal).

JOLY (2005) sugere a possibilidade de enumerar sistematicamente numa imagem diversos tipos de significantes co-presentes na imagem e analisar suas relações correspondentes entre os significantes e os significados oriundos de determinadas convenções sociais e vivências de quem realiza as análises. Ela propõe que se inicie a análise pelos signos plásticos, pois constituem signos plenos e inteiros e não apenas um material de apoio para os signos icônicos. Tal distinção é importante para que se perceba que a significação da imagem tanto é determinada pelos aspectos plásticos como pelo icônico e linguístico.

A mensagem plástica é dividida entre um significado direto entre o signo e o referente, também chamado de denotativo, e um significado indireto, conotativo. São consideradas mensagens plásticas: enquadramento, plano, composição, diagramação, desenho dos tipos, cores (harmonias e contrastes), formas, texturas, dimensões, etc. Já a mensagem icônica é vinculada ao figurativo, por exemplo, uma representação de tecnologia.

A mensagem a linguística é expressa não somente do que o texto efetivamente comunica de modo simbólico, mas busca transpor alguns pontos por meio de uma observação da tipografia (cor, forma, tamanho, posicionamento, hierarquia das palavras dentro do rótulo). Cria-se uma espécie de mensagem plástica interna, que busca enriquecer a análise.

A estrutura básica da ficha de análise é:

- Identificação por meio da empresa fornecedora e o nome do produto.
- Mensagens plásticas: enquadramento, composição, cores, formas, formato, suporte, texturas, impressão, planos. Em dois modos: Denotação, um significado direto entre referente e objeto (por exemplo, cor: amarela) e, Conotação, um significado indireto entre o referente e o objeto (cor amarela pode representar — dentro de um aspecto cultural, histórico e social — a sensação de calor, riqueza, alegria. Por isso, a importância da inserção do objeto dentro de seu contexto cultural). Normalmente os ícones, índices e símbolos são verbalizados durante a descrição das mensagens plásticas.
- Mensagens icônicas: os ícones previamente descritos são analisados dentro do seu modo de Denotação e Conotação. O processo de semiose presente nos ícones torna esta etapa longa e com várias possibilidades, algumas se complementam ou contrastam com os signos plásticos. Alguns ícones podem ser interpretados como índices ou símbolos, esta variação pode apresentar interpretações diferentes. Porém, pelas características dos rótulos serem representações ilustradas por meio da técnica litográfica, confere a eles, enquanto imagem, uma característica mais icônica do que indicial.
- Mensagens Linguísticas: Todos os textos aplicados nos rótulos, não somente em seu sentido denotativo, o que se refere diretamente à escrita, mas também o Conotativo, ou seja, como a informação está apresentada, no caso a tipografia.
- Observação: Campo destinado a comentários gerais relacionado ao rótulo.

As fichas foram aplicadas a alguns rótulos que se acreditou possuírem contribuições interessantes sobre as representações de tecnologias. Optou-se em não reproduzir as fichas em sua integridade, mas reescrevê-las aproximando-as da sua perspectiva de análise, no caso deste recorte, aproximá-las dos conceitos de tecnologia.

O método aplicado às análises, não deve ser interpretado como algum “molde” ou sistema metodológico replicável, mas uma ferramenta construída para tornar os elementos reconhecíveis e mensuráveis dentro das relações definidas para análise, no caso, conseqüentemente o método construído, não pode ser simplesmente aplicado a outros contextos, sem uma reflexão conceitual sobre o que, quem, porque, como, qual serão os objetos/objetivos a serem analisados.

6. Representações de tecnologias.

Representação é considerada como a visualidade presente por meio dos elementos gráficos, capazes de produzir significados e classificações associados a conceitos de tecnologia dentro de um determinado contexto histórico, social e econômico para certos sujeitos.

O rótulo e a tecnologia são vistos como objetos mutuamente construídos e constituintes, mas nesta análise o rótulo e sua materialidade não serão analisados como uma tecnologia, o direcionamento está voltado às representações,

A tecnologia é contida entre conceitos apresentados em um quadro proposto por FEENBERG (2010), figura 01.

Como mencionado na figura 01, é difícil imaginar a tecnologia com um “único” conceito, por tal razão, no título coloca-se tecnologias, pois os conceitos que podem ser interpretados nas representações podem ser vários, o que limitaria a análise, encobrendo outros significados.

Nas figuras 02 e 03 é possível verificar pelo menos duas concepções de tecnologia tangenciando as representações nos rótulos. A primeira (Figura 02), uma tecnologia “invisível” associada ao cotidiano representada com uma “naturalização”, como parte de uma paisagem integrada e indissociável da prática social representada. A figura 03 mostra uma representação associada a uma tecnologia “de vanguarda”, “de ponta”, capaz de grandes realizações. Normalmente assimilada com o desenvolvimento científico e fortemente vinculada às mídias, com a ideia de revolucionário, inacreditável, sempre enaltecendo a capacidade de criação e dominação humana sobre os elementos e a natureza.



Figura 01: Quadro comparativo de conceitos de tecnologia.



Figura 02: Aguardente de Cana Prata.
Fonte: Fundação Cultural de Curitiba, 2011.



Figura 03: Aguardente da Sideral.
Fonte: Fundação Cultural de Curitiba, 2007.

7. Análise do rótulo Aguardente de cana Prata.

Na figura 02, o rótulo de Aguardente de Cana Prata, da cidade de Iratí no Paraná, localiza-se uma representação masculina (à direta), associada a um animal (cavalo) e com vários artefatos. Ao fundo, uma paisagem com uma plantação de cana e uma construção, sendo possível identificar os elementos associados à produção de cachaça, como o Alambique.

Neste exemplo, a tecnologia torna-se tão presente, que é assimilada e representada como parte integrante da representação masculina, reforçando alguns aspectos que a tornam identificável para dados sujeitos dentro de um determinado estereótipo, no caso um homem do campo, e talvez induzindo à representação de um “Gaúcho” (nome atribuído a determinados sujeitos que habitam a planície dos Pampas, que ocupam regiões da Argentina, sul do Brasil e Uruguai e que possuem certas práticas sociais). Além disso, os artefatos usados para montar e cavalgar o animal estão presentes.

Reforçando as características de um Gaúcho são observados na representação: a presença do animal, o chapéu, o laço preso com um nó característico no pescoço, o cinto, o tipo de bota e calças e a presença da corda para o laço de animais. Porém, alguns elementos demonstram que este homem, não é um trabalhador qualquer, mas, pela presença do paletó de cor branca e limpo, provavelmente está em um alto cargo hierárquico, como pode ser o próprio dono da propriedade.

Instaura-se, não apenas uma representação de artefatos tecnológicos, mas também que constrói relações de trabalho e de poder.

Ao fundo existe uma plantação de cana, que por si só, já demanda vários tipos diferentes de tecnologias para seu correto cultivo, como tipo de terra, de cana, momento da colheita, como colher, como transportar, armazenar, etc. Quase no centro do rótulo há uma construção simples, de madeira e que contém um alambique, dispositivo utilizado na fabricação da Cachaça para a destilação, apoiado sobre uma construção de tijolos, aquecido pelo fogo.

Neste rápido retrato descritivo, a tecnologia aparece como parte integrante da cultura e, por consequência da sociedade, por meio dos artefatos tecnológicos, que torna-se possível reconhecer, classificar e interpretar determinada “cena” representada, dentro de um contexto.

8. Análise do rótulo Aguardente Sideral.

Na figura 03, o rótulo de Aguardente Sideral, a figura humana desaparece e dá lugar a uma espécie de foguete com sua propulsão por meio de garrafas de Cachaça (na diagonal do canto inferior esquerdo para o canto superior direito), num sentido de subida e saindo com sua ponta do quadro. A tipografia acompanha a sensação de velocidade ao adotar um S com uma longa reta, transpondo toda a palavra, além de hachuras (linhas) perpendiculares ao desenho de cada uma das letras. A representação da “fumaça” na saída das garrafas reforça a ideia de força, poder, de levantar o foguete em direção ao espaço. Diferentemente da figura 02, a tecnologia assume uma característica, além de associada à imaginação, com conotações de avanço científico, de conquista de novos espaços (não só na terra, como fora dela), uma concepção de que a tecnologia é vanguarda, aparentemente longe das possibilidades de pessoas comuns.

Entretanto, pela associação da Cachaça com o foguete, abre um processo de construção de interpretação interessante, pois um produto local, regional, a Cachaça, alinha-se a uma tecnologia de “vanguarda”, o foguete, criando assim uma sensação de proximidade entre o “estranho” foguete e a “conhecida e tradicional” Cachaça, colaborando para que o foguete tornar-se um elemento comum e facilmente reconhecível, e passível de classificação.

Por outro lado, a Cachaça associada a esta concepção de tecnologia, tenta transferir a ela, as características do foguete. Existe uma relação de mão dupla, onde das duas representações concorrem para assimilar as qualidades mútuas.

Sabe-se por meio de entrevistas (GEMAEL, 1975) que as “ideias” e “motivações” dos rótulos partiam de acontecimentos recentes, notícias de jornal, programas de televisão, músicas, cinema etc. Portanto, todas as “mídias” pelas quais transitam as informações, e às quais os litógrafos tinham acesso, permeavam sua produção mesmo que inconscientemente. É possível interpretar seus trabalhos como um retrato das interações, modificações, circulações da tecnologia em seus cotidianos.

9. Considerações.

As representações de tecnologias das análises iniciais das figuras 02 e 03, apesar de divergirem no modo como a tecnologia está representada, uma mais “naturalizada” e, a outra como uma tecnologia de “vanguarda”, guardam indícios de conceitos de tecnologia diferenciados.

Na figura 02, Aguardente de Cana Prata, está agregada entre um conceito determinista, uma vez que o homem domina o animal, o processo de produção, e no caso, de uma interpretação da representação masculina como proprietário, legítima e confere poder a outros homens. Porém, pode ser interpretada como instrumental, pois toda a tecnologia está incorporada para proporcionar um bem estar ao homem, independente de qualquer outro contexto, tendo em vista que todos os artefatos são “naturalizados” no cotidiano, portanto se legitimam como “necessidade” a ser suprida.

Na figura 03, Aguardente Sideral, a visão instrumental do foguete indo às alturas, sendo lançado como uma homenagem ao poder “inventivo” do homem, quase como uma celebração da vitória da técnica e da tecnologia, que conquista do espaço. Um olhar apurado observa que os propulsores são as Cachaças, portanto, está tecnologia de “vanguarda” não está solitária, mas está sofrendo algum tipo de apropriação a sua imagem, não é mais apenas uma representação de foguete, pois num foguete “real” a Cachaça não o impulsiona.

Com esta percepção, esta “nova” tecnologia chega com alguma coisa “diferente”, uma construção de conceito, com alguma “interferência” ou “ruído”, portanto, a visão de uma

tecnologia “plena” e previamente incorporada pela sociedade é quebrada nesta representação. Ela não é tão autônoma, nem tão substantivista, apresentando resíduos de sua apropriação, por este caminho, pode-se dizer que esta representação pode conter indícios de uma visão alinhada com a teoria crítica da tecnologia, ao representar esta “resistência” ou “mescla” entre algo “externo” da sociedade, que sofre um processo de “internalização”.

A breve análise apresentada indica a possibilidade de observar as relações de tecnologia e seus conceitos na sociedade. A materialidade dos rótulos, no caso as representações de tecnologias por meio de sua visualidade, constitui um caminho ainda pouco explorado pelos estudos em linguagem e também no campo de Ciência, Tecnologia e Sociedade (CTS), tentando compreender como os conceitos de tecnologia rodeiam e, em alguns momentos, produzem tensão que ganham por meio de artefatos, vozes. Esta visibilidade pode ser um primeiro passo para uma compreensão mais abrangente sobre como a tecnologia está inserida socialmente.

Esta perspectiva sobre a tecnologia esta alinhada à negação da instrumentalização (neutralidade) da tecnologia, como também de seu determinismo, apontado por FEENBERG (1995) e PINTO (2005). MARCUSE (1982) formula uma interessante pergunta sobre a relação entre tecnologia e sociedade, mudando a pergunta “O que a tecnologia está fazendo de nós?”, que é uma questão importante, acrescentando uma questão política “O que nós podemos fazer da tecnologia?”.

FEENBERG (1995) leva esta questão de MARCUSE (1982) a uma interpretação na qual a “racionalidade técnica” são imperativos sociais na forma em que eles eram internalizados por uma cultura técnica, amarrando a tecnologia à experiência local, mas também às características compatíveis com as formulações sociais básicas, como as classes, os sistemas políticos e econômicos. Estas estão incorporadas nos instrumentos e sistemas técnicos emergindo de determinada cultura e reforçando seus valores básicos. Neste contexto, a tecnologia pode ser interpretada como uma “política”.

Tanto para FEENBERG (1995), como para MARCUSE (1982), a “racionalidade técnica” apresenta um espaço de concepção estando intimamente ligada à história da cultura. Cada uma incorpora um projeto histórico e uma cultura de modo particular para resolver os aspectos tecnológicos ainda com modelos indeterminados.

10. Referências

- CEVASCO, Maria Elisa. **Dez lições sobre estudos culturais**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2003.
- CEVASCO, Maria Elisa. *Materialismo Cultural* In: **Para Ler Raymond Williams**. São Paulo: Paz e Terra, 2001. pp 115-180
- FEENBERG, Andrew. A Tecnologia Pode Incorporar Valores? A Resposta de Marcuse para a Questão da Época. 1995. Disponível em:
<<http://www.sfu.ca/~andrewf/portA%20tecnologia%20pode%20incorporar%20valores.htm>>
Acesso em 22/02/2013
- FEENBERG, Andrew . A Teoria Crítica da Tecnologia - A Crítica da Racionalidade Técnico-Científica. 1995. In: **Racionalização Subversiva: Tecnologia, Poder e Democracia**. Tradução de Carlos Alberto Jahn. Disponível em: <<http://www.sfu.ca/%7Eandrewf/portChapter7.htm>>
Acesso em 22/02/2013 <<http://www.sfu.ca/%7Eandrewf/coletanea.pdf>> p.166-180. Acesso em 22/02/2013
- Versão original em inglês em *Transforming technology. A critical theory revisited*. New York: Oxford University Press, 2002, pp. 162-190.
- FEENBERG, Andrew. **Bases teóricas para a democratização e a filosofia da tecnologia**. Palestra. Universidade de Brasil. Em 12 de abril de 2010. Disponível em:
<<http://www.youtube.com/watch?v=2ofaot-XAsw>> Acesso em 15/03/2013
- GEMAEL, Rosirene. **Fundação Cultural de Curitiba — Entrevistas com litógrafos paranaenses**. 1975. Disponível em: www.fenodesign.blogspot.com Acessado em: 17/03/2013
- HALL, Stuart. *Reflexões sobre o modelo de codificação/decodificação: uma entrevista com Stuart Hall* (pp. 353-386) e *Codificação/Decodificação* (pp. 387-404). In: HALL, Stuart (2006). **Da diáspora: Identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: UFMG.
- HALL, Stuart. *Introduction* (p. 1-5) e *Making Sense of the Walkman* (p. 7-40). In: Du GAY, Paul; HALL, Stuart; MACKAY, Hugh; NEGUS, Keith (2003). **Doing cultural studies: the story of the Sony Walkman**. London, UK: Sage Publications.
- HALL, Stuart. *The work of representation*. In: HALL, Stuart (2003). **Representation: cultural representations and signifying practices**. London, UK: Sage Publications, pp. 13-74.
- JOLY, Martine. **Introdução à análise da imagem**. Campinas: Papirus, 2005.
- MARCUSE, Herbert. **Ideologia da Sociedade Industrial; O Homem Unidimensional**. Rio de Janeiro:Zahar, 1982. Versão em inglês, *One-Dimensional Society, in:One-Dimensional Man:Studies in the Ideology of Advanced Industrial Society*. Disponível em:
<<http://www.marcuse.org/herbert/pubs/64onedim/odmcontents.html>>. Acesso em 08/03/2013
- MARTÍN BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ. 2001

VIEIRA PINTO, Álvaro. *A tecnologia*. In: **O Conceito de Tecnologia**. Rio de Janeiro: Contraponto, Volume 1. 2005. pp. 219-355 .

VIEIRA PINTO, Álvaro. *Em face da era tecnológica*. In: **O Conceito de Tecnologia**. Rio de Janeiro: Contraponto, Volume 1. 2005. pp. 29-70 .

SANTAELLA, Lúcia; NÖTH Winfried. **Imagem - Cognição, semiótica, mídia**. São Paulo: Iluminuras. 1998.

_____. **Semiótica Aplicada**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning. 2005.

WILLIAMS, Raymond. **Cultura**. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

WILLIAMS, Raymond. *The Technology and the society*. In: WILLIAMS, Raymond. **Television (2008)**. Routledge. USA, New York, pp. 1-25.